

Um dos aspectos que diferencia o português falado no Brasil (PFB) do português falado em Portugal (PFP) é o que diz respeito às possibilidades de negação sentencial. Apenas o português brasileiro apresenta determinadas estruturas sentenciais para expressar a negação, como nas frases “Não quero não” e “Quero não”. De acordo com uma série de estudos quantitativos, o PFB apresenta um número expressivo de ocorrências dessas estruturas não canônicas de negação. Esse fenômeno tem feito surgir a suspeita de que o PFB esteja passando pelo que se convencionou chamar de ciclo de Jespersen, processo em que o advérbio de negação passa da posição pré-verbal para a posição pós-verbal. Pouco se fala, na literatura brasileira, no entanto, sobre as diferenças pragmáticas entre os diversos usos de negação, bem como sobre a resistência que essas distinções de uso podem oferecer para uma suposta mudança no padrão sentencial para expressar a negação no PFB. Este trabalho apresenta o resultado de uma investigação sobre a pragmática da negação, procurando, a partir das contribuições da literatura e da observação da transcrição de entrevistas, estabelecer distinções discursivas mais precisas para os três tipos de negação encontradas no PFB. Os resultados, embora indiquem que as diferentes estratégias de negação estejam associadas a uma série de distinções encontradas na literatura especializada (novo/velho no discurso, novo/velho para o falante e caráter denegativo), sugerem que a análise pode ser refinada a partir da consideração da interação entre o operador de negação e o caráter mais ou menos saliente da proposição negada, mostrando que o caráter denegativo e a possibilidade de referir-se ao que é velho no discurso dependem do grau de saliência pragmática da oração analisada.